

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

morte...”. Em relação à princesa da Cólquida, “em Epidauro, a assistir a ensaios de peças, vi a minha Medeia, selvagem, fora de regra, estrangeira, fisicamente diferente dos Gregos”.

No testemunho da autora, a percepção da busca de uma relação mais íntima com as personagens que reconfigura, para lá da predileção pelo mundo feminino, são opções remissivas para uma leitura moderna e sociológica do mito.

Jaime Rocha, por seu turno, fixou-se igualmente em duas das três peças que escreveu, desta feita sobre heróis da Grécia antiga: *Agamémnon* e *Filoctetes*<sup>1</sup>. Na sua intervenção, sublinhou a necessidade de visitar os lugares que servem de cenário às peças em que se inspira para as reescritas, bem como de preservar o cerne do mito, actualizando apenas a situação dramática, de resto, na linha preconizada pela *Poética* aristotélica<sup>2</sup>.

SUSANA HORA MARQUES

### **Teatro de Marionetas do Porto: *Make Love, not War***

A 28 de Maio de 2011, nos eventos de “Serralves em Festa” que decorrem anualmente na cidade invicta, o Teatro de Marionetas do Porto levou de novo à cena uma produção inspirada na *Lisístrata* aristofânica: *Make Love, not War*. Apresentada pela primeira vez em Maio de 2010, no Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira, a última encenação dirigida por João Paulo Seara Cardoso constituiu à partida um desafio diferente para a Companhia, porquanto se tratou duma experiência de teatro de rua, levada a cabo num espaço público urbano, aberto às massas. A concepção do espectáculo para exibição num local de dimensões consideráveis<sup>3</sup> como cenário natural de actuação constrangeu o encenador

---

<sup>1</sup> A completar esta trilogia de heróis surge *Aquiles*.

<sup>2</sup> Cf. Aristóteles, *Poética* 53b.

<sup>3</sup> Como bem observa Correia, A. B. Correia, A. B. (2003), *Teatro de rua radical: arte, política e espaço público urbano*. Coimbra. Oficina do CES 192. Disponível em [http://webopac.sib.uc.pt/search~S74\\*por?/dteatro+de+rua/dteatro+de+rua/1,1,1,E/1856~b1523007&FF=dteatro+de+rua&1,1,1,0/startreferer//sea](http://webopac.sib.uc.pt/search~S74*por?/dteatro+de+rua/dteatro+de+rua/1,1,1,E/1856~b1523007&FF=dteatro+de+rua&1,1,1,0/startreferer//sea) [consulta em 22.06.2011]: 7-8, ‘esta actividade teatral sem paredes não pode ser vista como a versão ao ar livre dos espectáculos que ocorrem nos equipamentos artísticos convencionais ou nos edifícios ou locais que designamos como teatros’.

a transformar as marionetas em modernas máquinas de cena, com alguns metros, que ganharam em visibilidade e em expressividade.

Inspirar-se numa peça que faz a apologia da paz e da conciliação entre os homens nos últimos anos da Guerra do Peloponeso era apostar à partida numa mensagem intemporal e universal. Numa época de crise como a que caracteriza o mundo contemporâneo, Seara Cardoso entendeu mostrar a indignação perante questões que se sentia incapaz de controlar, a nível da política nacional e mundial, através da encenação de um texto da Antiguidade com uma mensagem que considerou actual: as fronteiras espaço-temporais diluíram-se, gerando um elo entre a cena e os *politai* hodiernos.

Um desfile inicial, comum neste tipo de *performance* de rua, e adequadamente animado por música ao vivo, expunha de modo sucessivo os diversos intervenientes em confronto, através do cruzamento de múltiplas linguagens, apelativas à concentração dos transeuntes.

Se não temos conhecimento do sucesso da peça aristofânica por altura da sua estreia, em 411 a. C., sabemos porém que, no caso do *Make Love, not War*, o público, corpo da cidade, considerável e heterogéneo, com diferenças etárias, sociais, culturais, aderiu em geral de modo positivo, seguindo com atenção uma *performance* em que quase parecia pertencer à cena, pela proximidade física entre actores e essa audiência que podia trocar de lugar, sair e voltar ao longo do espectáculo. Além dos temas abordados, motivos de reflexão a nível colectivo e individual, o fascínio pelo aparato visual contribuiu decerto para a identificação de ressonâncias com a actualidade.

SUSANA HORA MARQUES

### XIII Festival de Teatro de Tema Clássico – 2011

Decorreu, entre finais de Abril e meados de Julho, o XIII festival de Teatro de Tema Clássico, que, como vem sendo tradição, se realizou em diversos espaços (salas de teatro, espaços arqueológicos e monumentais, museus) da zona Norte e Centro do país: Coimbra, Conímbriga, Braga, S. Miguel de Odrinhas (Sintra) e Águeda.

O Grupo Thíasos, sediado na FLUC e intrinsecamente ligado ao Instituto de Estudos Clássicos, contribuiu este ano com quatro peças, duas que já vinham de anos anteriores e duas novidades. À tragédia “Hipólito”